

## Sílvio Lima - Um Cavaleiro do Amor

Contributo para a reintegração de Sílvio Lima na história do pensamento português contemporâneo sob a forma de notas de leitura de sua obra *O Amor Místico - Noção e Valor da experiência religiosa*

I

Várias abordagens à obra de Sílvio Lima de 1935, *O Amor Místico - Noção e Valor da experiência religiosa*<sup>1</sup> são possíveis, legítimas e necessárias. Importaria, por exemplo, integrar Sílvio Lima como elo de uma história da Psicologia em Portugal, como introdutor de novos autores e perspectivas num Portugal assolado de "paralisia e entorpecimento invernal", segundo as suas palavras. É assim que o encontramos nos anos 30, divulgador dos modelos teóricos de Guyau e Freud e estudante de Psicologia num laboratório suíço onde toma contacto com o que de mais relevante se estava propondo, naquela disciplina, na Europa do seu tempo. É aí que terá tomado contacto com obras como as de Piaget e Jung para citar só os que a posteridade poupou ao olvido.

Importaria por outro lado, do ponto de vista estritamente histórico, integrar Sílvio Lima na complexa trama de relações entre o regime, a Igreja e os intelectuais, dando conta das purgas nas academias, das limitações curriculares e metodológicas, da amputação de investigações. O papel da universidade neste período é tema já estudado. Sob o ponto de vista de uma história da crítica - do pensamento, da atitude e do espírito crítico em Portugal - Sílvio Lima ocupa lugar de desatendido relevo, representando a figura do intelectual íntegro e independente que se sacrifica por amor da verdade, desprezando o favor dos príncipes ou a paixão da popularidade da turba, segundo a máxima de Herculano escolhida para epígrafe de sua primeira obra publicada.

Para historiar o que se tem chamado pensamento filosófico português, (ou de expressão portuguesa), filosofia em Portugal ou filosofia portuguesa há que assinalar as duras e árduas provações a que este esteve sujeito no século XX. Estas condicionantes parecem-nos inescusáveis na hora presente, que julgamos de balanço e de possível e desejável ponto de partida para novas sínteses.

---

<sup>1</sup> Em boa hora assistimos à reedição em dois tomos desta como de todas as obras e artigos publicados por Sílvio Lima, intitulada *Obras Completas - Sílvio Lima*, pelas Edições da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, edição de 2002. É a essa edição que nos referimos no corpo deste artigo.

Lembremos assim, a título exemplificante e de modo algum exaustivo, o pioneiro exílio a que Sampaio Bruno foi votado; o encerramento, em finais da década de 20, da Faculdade de Letras do Porto e a dispersão dos seus docentes, relegando Leonardo Coimbra, seu reitor, para o ensino liceal; a prisão e conseqüente exílio de Agostinho da Silva (em 42-43); a prisão e exílio de António Sérgio; a prisão e interdição de leccionar no ensino público de José Marinho (1937); a interdição de ensino durante 7 anos de Sílvio Lima. Lista que não terminaria aqui e que visa apenas referir alguns dos mais marcantes exemplos de cerceamento efectivo da actividade intelectual e cultural.

Tem importante lugar no pensamento filosófico português contemporâneo o problema da relação entre fé e razão, o problema de Deus, o interesse pela religião, pela simbólica e até pela mística e pela mitologia (podendo esta apresentar-se como de cariz nacional ou não). Além de uma já referida (e que seria urgente de realizar) história da crítica em Portugal, haveria também que dar conta de uma história da filosofia da religião (assim designada provisoriamente e em senso muito lato) que daria conta de como o fenómeno e a experiência religiosa têm sido encaradas em Portugal, chamando a atenção para contributos, por vezes pioneiros e originais que por alguma razão não tiveram o eco, a repercussão e os devidos continuadores. Entre estes contributos, uns de natureza mais inspirada, intuitiva ou mito-poética e outros de cariz crítico-hermenêutico ou conceptual-objectivante contam-se figuras como Sílvio Lima. Esta *disciplina* (que mais correctamente designaríamos como *preocupação*) mereceria ser compendiada de duas formas simultaneamente:

1. dando conta das averiguações que no estrangeiro coevo se foram a par e passo desenvolvendo, e do eco, ressonância ou afinidades que por cá encontraram;
2. dando conta da especificidade e autonomia dos estudos e reflexões originais que este século concebeu e viu nascer, alguns porventura ainda hoje relevantes, significativos e **operantes** como chaves de compreensão da cultura portuguesa<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Estarão já reunidas, porventura, as condições históricas para a compreensão destas duas atitudes? Não podemos deixar de lembrar a posição recente de Pinharanda Gomes a este respeito nas suas próprias, belas, palavras proferidas por ocasião de uma homenagem a Junqueiro: “De Verney a Sérgio, uns; de Camões à *Filosofia Portuguesa* outros, somos duas vias, mas temos comunidade de fins – a felicidade do homem. [...] Saibamos nós, na consideração de Junqueiro e de Leonardo descobrir a terceira via, a que mais importa.” Dito como apresentação da reedição do livro *Guerra Junqueiro* de Leonardo Coimbra, no Porto em 1997 e editado como *Marginália*, no volume de actas do colóquio “Guerra Junqueiro e a Modernidade”, editado pelo Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, numa edição Lello / UCP-Porto.

Em 1930, 1931, nas *Notas Críticas ao Livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira: "A Igreja e o pensamento contemporâneo"*, Sílvio Lima procura desmontar aquilo que considera uma "má peça de apologética católica", denunciando aquilo que incisivamente qualifica como "pardos nimbos de confusão intelectual do autor" que, "possuindo um lírico temperamento de místico, não soube ou não pôde sufocar as ondas emocionais que a sua fé lhe provoca e que explodem continuamente"<sup>3</sup>. Apressados detractores do crítico ou precipitados apoiantes interpretariam esta reflexão como tendo partido de um pressuposto crítico de feição anti-mística, identificando esta com um tipo de emocionalismo inibidor de um correcto uso da razão, de um lirismo suscitador de confusões conceptuais-discursivas. Este emocionalismo poderia até ser considerado como de origem sexual e responsabilizado pela cegueira intelectual ou racional do autor. Mas desenganem-se os precipitados e incautos. O tempo dos esquematismos terminou. E Sílvio Lima contribuiu para isso, para a abertura desse tempo.

À maneira de Lima, assim quisemos iniciar este estudo, dando conta daquilo que poderia parecer, mas não é. Começando por firmar aquilo que se nega. Para que depois, cada um em serena reflexão se aproxime donde possa.

---

<sup>3</sup> A reedição destas *Notas Críticas* é lida e citada a partir da compilação acima referida, volume1, página 379.

## II

Já em 1935, toda a longuíssima exposição de Sílvio Lima em *O Amor Místico - Noção e Valor da experiência religiosa* consiste numa tomada de posição contra o reducionismo na tematização filosófica e científica do fenómeno religioso. A psicanálise é aqui apresentada como modelo biológico-psicologista que encerra a possibilidade de uma exaustiva interpretação da experiência amorosa humana, e mais concretamente da experiência de amor religioso e místico. Lima procede então à crítica da eficácia ou operatividade da psicanálise do amor místico, definida esta como “teoria erotogénica do misticismo”, isto é, como modelo que “identificaria o amor sexual com o amor religioso”, ou pelo menos que atribuiria ao primeiro o primado sobre o segundo, fazendo-o derivar daquele à maneira de uma causa originante. O estudo incidirá assim sobre as complexas e múltiplas relações existentes entre o místico e o sexual, entre a experiência religiosa e a experiência sensual, entre os movimentos do espírito e os da carne... procurando no entanto ressaltar a diferença entre ambos e concluindo pela irreducibilidade do amor místico ao amor sexual, mostrando que as manifestações de emocionalismo, sensualidade ou sexualidade (designadas como patológicas ou não) entre os místicos são efeito não essencial mas ocasional, isto é, nem constitutivo, nem necessário, nem permanente da mística.

"A emoção religiosa acordará assim, inconsciente e involuntariamente a emoção sexual; esta [apresenta-se ocasionalmente como] ressonância indirecta, psico-orgânica."<sup>4</sup>

Assente desde já fica uma importante distinção por parte de Lima entre mística e emocionalismo, podendo este ser efeito daquela mas não podendo nunca identificar os dois termos ou reduzir um a outro. Parece-nos oportuno mostrar como Lima se apercebeu dos perigos do esquematismo fácil corrente no período em que trabalha, período em que se assiste à nítida demarcação entre uma inquestionada apologética religiosa e uma corajosa e perseguida recusa em bloco de qualquer discurso de tipo religioso (ou mitológico) encarado exclusivamente como sanção legitimadora de um estado de coisas tido como injusto.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit. p.905

<sup>5</sup> Numa página de grande lucidez de *A Literatura de José Régio*, Álvaro Ribeiro apercebendo-se disto, detecta na crítica de António Sérgio ao sebastianismo mais uma intenção política que propriamente uma conseguida refutação do sentido e alcance deste mito (pois que combatendo o mito se estava na prática combatendo os que dele se serviam para assim legitimarem a sua posição). A título de exemplo fica esta referência. Importaria, contudo, num estudo mais desenvolvido, explorar as diferenças (e respectivas consequências socio-culturais) entre o discurso religioso oficial, o discurso religioso minoritário, o discurso místico (que por vezes roça a heterodoxia) e um outro que diríamos mítico-mitológico (que é pensado, usado, assumido e reclamado pelos mais díspares e insuspeitos quadrantes do pensar).

Sílvio Lima, apresenta-se a si próprio como intérprete científico, rigoroso e crítico do *problema do amor místico* tendo como escopo distinguir o que na experiência mística possa ser identificado ou remetido à experiência sexual, o que possa ser segundo a ciência do seu tempo qualificado como patológico e o que o não possa. Tenta o autor mostrar que a psicanálise é válida sobretudo como método de abordagem a indivíduos que, por efeito ocasional da mística, despertaram em si um emocionalismo fanatizante de tipo irracionalista (no que se visam os violentos sectários de todas as religiões ou irreligiões) ou mesmo até uma qualquer forma de sensualismo, mercê da prática de duras penitências.

A obra pode assim desde já ser lida a vários níveis:

- 1) como explicitação dos perigos que em certos casos o misticismo encerra, de um ponto de vista para-psicanalítico;
- 2) como cerceamento à psicanálise, vista como sistema de método generalizador que reduz a experiência à experiência sexual, que põe a esfera sexual na origem da experiência mística<sup>6</sup>.

Apesar das objecções que faz à psicanálise, Lima é nos anos 30 em Portugal pensador entre poucos conhecedor desta escola e de seus pressupostos. Podemos assim, paradoxalmente, considerá-lo como peça importante no desenvolvimento dos estudos psicológicos de tipo freudiano em Portugal e porventura dos primeiros a aperceber-se do potencial que este sistema encerrava de descodificação do sentido e valor da experiência religiosa. Propondo-se debater e testar este modelo com dados da Europa meridional, principalmente portugueses e espanhóis, Lima vai investigar profundamente a mística do sul da Europa, dando destaque ao Portugal dos séculos XVII e XVIII, o que o leva por exemplo a constatar a influência do meio cultural e literário sobre a discursividade da mística, notando a diferença de carácter entre a mística germânica predominantemente teocêntrica, e a latina, cristocêntrica, focada na figura de Jesus<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Em obra célebre de 1938 sobre a evolução do conceito e da experiência amorosa no Ocidente, e cuja perspectiva, num estudo mais desenvolvido, importaria confrontar com a de Lima, Denis de Rougemont (*O Amor e o Ocidente*; trad. port. Ana Hatherly; Lisboa; ed. Vega; 1999 - 2ª edição) refere-se convergentemente à psicanálise. Ousaríamos dizer que este autor, indo porventura mais longe no estabelecimento de uma teorização própria, praticamente ignora as potencialidades da psicanálise para a compreensão de alguns aspectos da história da mística, que serão posteriormente desenvolvidos ao nível de uma filosofia da linguagem (com os surrealistas) ou de uma antropologia do imaginário (com Gilbert Durand, por exemplo. Cf. *Imaginação Simbólica*, trad. de Carlos Aboim de Brito, a partir da 6ª ed. francesa - 1993, Lisboa, Edições 70, 1994. Ver adiante a nota 19). Segundo este autor a psicanálise seria vítima da "superstição materialista" típica da ciência do século XIX, procedendo à redução de todas as experiências ao "instinto sexual extraviado". (Idem; op. cit.; p.148)

<sup>7</sup> Cf. LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed. cit.; p.716

Esta ressalva só por si alerta-nos que o objecto de estudo de Lima neste volume não é a experiência mística em sujeitos concretos, presentes, mas os seus registos, a sua discursificação. Esta, enquanto objecto literário, é historicamente condicionada, marcada por formas retóricas sociais e usos linguísticos epocais e mutáveis<sup>8</sup>:

“Existe só uma linguagem amorosa humana. Querer fundamentar a teoria erotogénica do misticismo sobre as analogias da linguagem amorosa profana e da linguagem amorosa mística é ignorar não só o carácter simbólico da linguagem religiosa (...) mas a própria necessidade literária derivada da pobreza da nossa linguagem humana, inapta a definir a inefabilidade da intuição mística”<sup>9</sup>.

Este volume é no entanto, num certo sentido, aporético, apresentando-se formalmente construído à maneira da teologia negativa (segundo comparação do próprio autor), isto é, a partir de similar método de pensar: posto um problema, Lima percorre todas as interpretações e soluções possíveis para ele, preferindo, para já, atestar apenas as suas fragilidades e inconsistências. Por vezes vemo-lo pendendo para aqui ou ali mas o que parece ser um relativismo ou perspectivismo ensaístico (à Montaigne) impede-o de construir uma conclusão de tipo definitivo ou axiomático. Neste percorrer das posições que a história do pensamento consagrou, constatamos a erudita abrangência que Lima manifesta e como estava informado acerca das mais actuais e expressivas tendências da ciência e do saber do seu tempo.

Dizia Voltaire que mesmo não concordando com nenhuma das palavras do seu interlocutor sempre defenderia o seu direito a dizê-las.

Bem poderia ser este o mote de Lima que não assume os pontos de vista nem da apologética ortodoxa nem os da psicanálise, por estes, na sua perspectiva, não poderem dar conta - de forma analítica e compreensiva - da complexidade da experiência do amor místico. Reconhece, no entanto, e inequivocamente, a legitimidade dos vários discursos desde que pautados por critérios de elevação, isto é, por um esforço de fundamentação da posição própria e de respeito e tolerância pelas posições alheias. Poucos anos transcorridos sobre a polémica a

---

<sup>8</sup> Denis de Rougemont nota, por exemplo, o efeito que as transformações histórico-sócio-culturais exercem sobre a recepção/leitura das formas literárias: “Para os homens do Século XVI, a linguagem erótica era mais inocente que para nós. Somos nós que somos nevróticos, herdeiros do puritanismo emburguesado dum século XIX descrente” (Denis de Rougemont; op.cit.; p.148).

<sup>9</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; op. cit.; p.593. Não é só quanto à demarcação face ao que Lima chama o *exagero sistemático da psicanálise* nem quanto ao modo, já exposto, de classificar a mística, entre nórdica e ibérico-meridional, de acordo com as suas tónicas preponderantes, que se encontram Sílvio Lima e Denis de Rougemont. Também quanto à linguagem da mística os dois manifestam posições convergentes, chamando a atenção para as limitações da linguagem. Este último afirma, em afinidade com o que de Lima ficou citado, que da analogia entre as metáforas místicas e amorosas não se poderá inferir a “inteira analogia das realidades que elas designam” sob pena de se cair numa “ilusão verbal”, espécie de “trocadilho contínuo” (Denis de Rougemont; op.cit.; p.127).

propósito do livro do Cardeal Cerejeira, eis que Lima volta a citá-lo como exemplo de autor que se apresenta como *típico* ou *representativo* de uma *determinada corrente*<sup>10</sup>. Vai Lima opor-se a Cerejeira não como um defensor da psicanálise (lembramos que toda a sua obra visa justamente esgrimir argumentos limitando o alcance dessa "teoria erotogénica do misticismo") mas como alguém que quer debater no plano de um exame fundamentado. Cerejeira recusaria pura e simplesmente qualquer possibilidade de discussão com a psicanálise, negando-lhe mesmo legitimidade para se pronunciar sobre a religião. Tal atitude de ostensivo fechamento derivaria -segundo o ensaísta- de uma confusão entre o plano dos juízos de realidade e o plano dos juízos de valor.

Cerejeira critica Aarão de Lacerda que teria efectuado uma leitura sensualista da união mística de Santa Teresa. Lacerda, segundo Cerejeira, “repete a enormidade obscena desses psiquiatras (...) que têm o gosto do que é sujo, como disse alguém, os quais descrevem os fenómenos místicos espirituais como se fossem carnais desprezando o testemunho científico dos que o experimentaram, ou melhor, para falar portuguesamente, falam do que não conhecem”<sup>11</sup>.

Sem efectuar a genealogia intelectual da conotação da sensualidade com a sujidade, observamos um Sílvio Lima que parte para o estudo em atitude de respeito pela psicanálise como pela mística, evitando em geral os juízos de valor (demarcando-se igualmente de um cepticismo que a si próprio se auto-justificasse) e procurando se não achar a verdade, pelo menos prosseguir sempre a sua busca, se não propor uma conclusão, pelo menos revelar as inconsistências de todos os caminhos. Recuemos um pouco:

1. Os místicos são apresentados como *cândidos*, como “almas intemeratas, [em que] tudo aspira ao puro”<sup>12</sup>.
2. “O que se discute é se, na fenomenologia mística, não se destrinçarão elementos de sexualidade inconsciente, i.e., se a estrutura psicofisiológica desse amor não se alimentará dos mesmos elementos puramente humanos existentes no amor profano”<sup>13</sup>.

Busca aquele que como *crítico* se apresenta, averiguar se as descrições dos santos e dos místicos são de ordem sobrenatural ou de ordem natural, e se de ordem natural forem, se são explicáveis pela psicofisiologia sexual<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.564

<sup>11</sup> Crítica de Cerejeira ao livro de Lacerda: *O Fenómeno Religioso e a Simbólica* de 1924, publicada no jornal *Novidades* em 1925. [apud Sílvio Lima na página 564 do primeiro volume da *Obra Completa*, edição citada]

<sup>12</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.564-5

<sup>13</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.564-5

<sup>14</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.715

A distinção psicanalítica entre sexualidade consciente e inconsciente afinal não pouca nem exalta o amor místico. Antes vê nele uma tentativa de compensação por transferência ou sublimação de uma realidade psicofisiológica, dada como inferior por isso que carnal<sup>15</sup>. Lima cita até Pascal (com ironia ou não) mostrando que detectar a permanência do humano ainda que aquando do contacto com o sagrado não é pretensão apenas da ciência. Com a fina subtileza que o caracteriza, Lima dá assim conta da consonância entre a psicanálise e uma mística esclarecida neste ponto preciso:

“Na via unitiva, em pleno estado teopático, não deixa o místico de vigiar pela manutenção da via purgativa. A unitiva pressupõe a iluminativa e esta a purgativa. Quer dizer, na pirâmide da construção é necessário manter sempre a purgativa como alicerce incessantemente fiscalizado pela ascese”<sup>16</sup>.

Em suma, poderíamos quase ver em Sílvio Lima como que um reformador da psicanálise na medida em que considera que ela redundava num *exagero sistemático*<sup>17</sup>, fornecendo todavia *penetrantes luzes sobre o assunto*. As luzes que a psicanálise fornece para a compreensão da experiência do amor místico servem bem para dar conta de que a sexualidade pode infiltrar-se inconscientemente na experiência mas esta não se pode reduzir àquela:

“A psicanálise, desgarrada pelo postulado apriorístico do pansexualismo, desfigura, exagerada e erroneamente, o claro perfil dos factos.”<sup>18</sup>

A mística não é originada pela sexualidade. Pelo contrário, a mística pode servir de causa ocasional de diversíssimas experiências sexuais. Levar esta conclusão às últimas consequências autorizará o místico (ou

---

<sup>15</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.565

<sup>16</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.;p.715. Em texto recente, resultado de um encontro promovido pela revista Graal no seu nº10, editado pelas Publicações Terraço, a propósito destes mesmos temas, Carlos Silva afirma (p.16): “Entre a terra habitada, ou profana, e o céu sublime, espiritual, o deserto assinalaria o espaço dum cosmos intermédio, correspondente ao da economia do imaginário, que, como se sabe, vai ser o campo de especial atenção por parte dos espirituais dada a sua ligação com memórias, emoções e afectos, desejos e pulsões, que importa purgar”. Ainda, no mesmo texto, o autor apresenta de forma mais explícita a utilidade da psicanálise para o Místico (p.25-26): “Só (...) quando nem sequer há eu, então sim, há algo absoluto.(...) [Caso contrário] no fundo o que pode haver (...) é a fuga ao mundo. Essas coisas têm de ser muito psicanalisadas. O que leva hoje uma pessoa a optar pela Cartuxa? Não é fácil de perceber, e tem de ser muito bem discernido, numa clara orientação espiritual. Há muitas vezes desvios que podem ser muito subtis. Penso que aí é preciso muito cuidado porque o estar só é ontológico, não é psicológico. (...) Aí há uma outra descoberta: não confundir o plano psicológico com o espiritual.”

<sup>17</sup> Não podemos deixar de sublinhar o carácter pioneiro desta cautela engendrada por atitude filosófica de despreconceituada crítica aos sistemas como improváveis (pois que pretensamente totais) explicações do real. Cf., entre vários outros exemplos possíveis, a página 850.

<sup>18</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.630



até a ortodoxia que o enquadre<sup>19</sup>) a ver na psicanálise (e numa sua almejada renovação) um poderoso auxiliar. Esta poderia efectivamente contribuir para aquilatar da autenticidade espiritual da sua experiência. A psicanálise, repita-se, uma vez despida do pressuposto pansexualista, serviria como critério de verificação da pureza espiritual de um amor. A *realidade viva* surge a Lima como algo de muito mais complexo e heterogéneo do que as fórmulas gerais permitem encerrar. As mesmas causas de ordem sexual não provocam as mesmas experiências místicas. Essas causas podem ocasionalmente suscitar uma possibilidade que jazia latente, mas não engendrar por si a experiência espiritual. Lima acaba por afirmar que um psicanalista dificilmente terá maior *conhecimento* disso que se chamou experiência mística que o próprio místico. Lima concede que é perfeitamente possível a existência de um devoto que seja *psicólogo penetrante*<sup>20</sup>. Este sabe que a *pureza ascética* e a concentração em Deus como *verdadeiro centro atractivo do seu amor*<sup>21</sup> são condições necessárias para se prevenir contra os perigos de que os amores místicos estão de algum modo eivados ou rodeados. Esses perigos seriam o antropomorfismo e o antropocentrismo<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Como ficou demonstrado na nota 12.

<sup>20</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.848. De novo lembramos Denis de Rougemont que, tal como Sílvio Lima, na sua obra cita algumas passagens de S. João da Cruz e de Sta. Teresa de Ávila em que estes prestam aconselhamento espiritual aos seus irmãos religiosos a propósito do que designavam por “movimentos da carne”, dissuadindo-os de se inquietarem e culpabilizarem, encorajando-os a não recearem em excesso: “Se for necessário falar ainda de psicanálise reconhecemos que S. João da Cruz desempenha aqui o papel de médico”. Op.cit.; p.148

<sup>21</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; Idem

<sup>22</sup> Lembremos os cuidados que Carlos Silva (n.16) coloca a respeito disto mesmo. O que ele refere como a presença do eu que inviabiliza o acesso ao absoluto vemos aqui como antropomorfismo do amor místico. Tratam-se de diferentes mas convergentes abordagens do problema.

### III

Possamos nós hoje entender Silvio Lima.

Parece-nos incompreensível que, no tempo em que o livro *O Amor místico* foi escrito, não tenha sido possível homenageá-lo como ele mereceria, criticando-o, de acordo com a sua própria definição de homenagem. E criticar pode ser entendido como um levar o pensamento às últimas consequências, compreender como Lima foi pioneiro não só na informada divulgação da psicanálise em Portugal como nas objecções que lhe fez e que encontrarão eco noutros pensadores da antropologia da religião, do imaginário e do simbólico. Vê-lo, no entanto, como aconteceu, como um mero divulgador de sistemas de pensamento europeu é insuficiente. Lima procurou re-actualizar a discussão àcerca da mística em Portugal. Qualquer um, crente ou descrente, que reconheça a liberdade e legitimidade do autor, deve constatar como ele recoloca na ordem do dia uma discussão que há muito estava arredada até dentro da apologética e da teologia portuguesas. Recolocar a questão, como Lima a recoloca, incentiva inequivocamente a um mergulho nas fontes da espiritualidade portuguesa, que Lima explorou “no remanso das bibliotecas, as bafiantas crónicas, os pesados in-fólios, as preciosas narrativas (...) adormecidas sob o pó devorador dos séculos”<sup>23</sup>.

Soube Lima ver na psicologia e na psicanálise um ponto de passagem, porventura necessário mas de modo nenhum suficiente, a quem queira debruçar-se sobre a mística, dando assim um precioso contributo para uma hermenêutica instauradora e compreensiva. Integra-se assim no vasto movimento de pensadores que no século XX diversamente o intentaram (protagonizado por figuras como C. G. Jung, Bachelard, G. Durand<sup>24</sup>, M. Eliade).

Nem que apenas pelo levantamento dos textos da mística portuguesa que efectuou (principalmente dos séculos XVII e XVIII) já Lima mereceria um lugar na história da cultura portuguesa e do pensamento português<sup>25</sup>. E dizemo-lo porque tivemos oportunidade de constatar que

---

<sup>23</sup> LIMA, Sílvio; *O Amor Místico...*; ed.cit.; p.553

<sup>24</sup> A título de exemplo deixamos aqui um apontamento sumário deste último, retirado do texto *A Imaginação Simbólica* (em que procura sintetizar o seu método desenvolvidamente apresentado na obra *As estruturas Antropológicas do Imaginário*); op. cit.: “A psicanálise (...) redescobre a importância das imagens e rompe revolucionariamente com oito séculos de coerção do imaginário, [mas] só descobre a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista em vigor, para tentar reduzir a simbolização a um simbolizado sem mistérios.”

<sup>25</sup> Lembramos que o projecto de Álvaro Ribeiro de desenvolvimento ou explicitação de uma *filosofia portuguesa* consiste (a partir da sua primeira apresentação formal no opúsculo *O Problema da Filosofia Portuguesa* em 1943), num primeiro momento, no levantamento exaustivo das fontes da cultura portuguesa, o que implicaria um esforço nacional de pesquisa, no país e no estrangeiro, de organização e edição do acervo literário, científico, jurídico, cronístico, teológico, místico,... a partir desse momento começariam a estabelecer-se as bases de um pensamento que se apresentaria de algum modo como a síntese cultural desse acervo. Parece-nos inegável a pertinência do primeiro momento deste projecto até pelo momento em

o livro *Amor Místico - Noção e Valor da experiência religiosa* não é citado nalgumas das mais importantes obras à cerca da mística escrita em Portugal nas últimas décadas, nem mesmo em muitas das obras de carácter genérico à cerca do pensamento filosófico português.

O rico manancial monástico, hagiográfico português bem carece de intérpretes, e de preferência, movidos por perspectivas diversificadas, que possam suscitar o tão necessário debate. Talvez nisto todos possam concordar: a cultura portuguesa encerra ainda tesouros por revelar, de que o caso *Pessoa* é só um, o mais popular, dos casos de riquíssimos filões e espólios por explorar.

Seria impossível terminar este texto sem referir o segundo volume da obra, volume anunciado na *Nota preambular*, e que desconhecemos se terá sido redigido ou não, ou se está algures, à mercê do *pó devorador dos séculos*. Se o primeiro volume já foi isto que se disse, o segundo seria de muito mais amplo horizonte, procurando investigar se haverá uma “experiência religiosa cognoscitiva”, se a um nível profundo, o ponto de vista científico e religioso conflitarão ou se se poderão harmonizar. Pela declaração de intenções, parece-nos que enquanto o primeiro volume surge marcado por um tom expositivo e documental, a sua continuação seria mais ambiciosa, propositiva e teórica.

Se lêssemos o belo e densíssimo parágrafo com que Lima encerra a *Nota Preambular* do seu livro desgarrados de preconceitos, se o lêssemos sem termos conhecimento da restante obra e intervenção de Sílvio Lima, se o pudéssemos ler como um aforismo, porventura até remotos territórios do saber nos veríamos transportados. Territórios que se ousou insinuar com a escolha do título deste texto, com a designação de Lima como um *Cavaleiro do Amor*, alguém que, na esteira de Sampaio Bruno, pudesse assumir um “racionalismo aberto à inspiração e ao mistério, não se quedando nos limites da cientificidade, tal como postulada pelo iluminismo dominante no século XVIII e vigente ainda no século XIX”<sup>26</sup>. Alguém que sente estar sendo *irresistivelmente levado* a agir e a pensar de um modo bem preciso mas irrevelável, alguém que se sente atraído pelo *Universal* e vê que ele também habita o amor místico de todas as religiões, nas quais, sob as mais diversificadas aparências, se pode encontrar essencialmente algo de

---

que estamos de procura (ou reinvenção) colectiva de sentido para o país e a sua cultura. A citação deste projecto neste artigo visa ainda, sem esquecer as significativas diferenças entre o que se tem chamado as *duas vias* do pensamento português (ver nota 2), alertar para o facto de que elas não são tão estanques como por vezes parecem e que o momento talvez exija a reconsideração dos seus pressupostos aspirando à invenção de uma *terceira via*.

<sup>26</sup> Tal a admirável síntese que Joaquim Domingues propõe da atitude do *filósofo obscuro* (*O Essencial sobre Sampaio Bruno*; INCM; 2002; Coleção Essencial; p.57), cujo último trabalho foi um *Plano de um Livro a Fazer*, livro que como subtítulo teria: *Os cavaleiros do amor ou a religião da razão*, e que seria inevitavelmente guiado pela teleologia deste autor exposta na sua *Ideia de Deus*, segundo a qual ciência e fé de algum modo se sintetizariam no grande movimento de todas as coisas de regresso ao Homogéneo.

verdadeiro e espiritual. Buscar essa essência possibilitaria, porventura, o reencontro do cientista e do religioso. Mas esse encontro mais que visível dar-se-ia no plano intermédio do que se ainda não cristalizou: no plano que medeia o mundo da nossa experiência comum e separativa e aqueloutro da Unidade Universal, expressão sugestiva mas enigmática, passível de tão díspares interpretações e impassível de hermenêutica circunscrição semântica. E surge este plano intermediário como o plano daquilo a que à falta de melhor designação se chamará **aspiração**, constante e consoladora garantia de todas as libertadoras esperanças da humanidade.

Não poderemos saber que continuação daria Lima aos seus trabalhos, o que poderia ter escrito em ordem à explicitação dos seus pressupostos ou apresentação de conclusões próprias. Talvez que com Bruno possamos concordar quando nos diz que o melhor de um escritor é o que não logra escrever. Permitimo-nos, no que acabámos de dizer, levar às últimas consequências o que nos parece poder estar contido na sibilina expressão de Sílvio Lima que a seguir citamos. Ousamos supor que, neste humilde parágrafo, deixou Lima insinuada a chave e o móbil do seu continuado labor, da sua erudição exaustiva e lenta:

“Irresistivelmente somos levados a determinar o que existe de Universal no amor místico, ou, por outras palavras, a extrair de sob a variedade polícroma das religiões a verdadeira essência espiritual da religião. Talvez que uma vez determinada a essência da religião, a atitude do sábio e a atitude do religioso se possam fundir na mesma aspiração cálida e incessante para a Unidade Universal.”